
Olhares de Viajantes Estrangeiros Sobre a Real Biblioteca Pública da Corte (1796-1822)

MANUELA D. DOMINGOS

Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

ALGUNS testemunhos, sobretudo de estrangeiros, não muito numerosos mas diversificados, dão-nos uma ideia da Real Biblioteca Pública da Corte — na sua primeira instalação — e da natureza dos seus fundos; do pessoal e, mesmo, do funcionamento. Reportam-se todos à época em que estava instalada de modo «provisório», segundo o Alvará de criação referia, em 1796, no edifício da ala ocidental do Terreiro do Paço, local emblemático da reconstrução de Lisboa e, em si mesmo, o primeiro atractivo das visitas.

Ainda que o projecto da primeira Biblioteca Pública, criada no âmbito da Real Mesa Censória, tivesse sido magnânimo na mente do seu criador, Frei Manuel do Cenáculo, não chegou a ser dessa forma executado. Outras prioridades, já na época da Rainha D. Maria I, tinham levado a destinar aquele grande edifício da ala ocidental a diversos fins, que não exclusivamente a Biblioteca. Esta, apenas tardiamente, veio a ocupar uma parte dele, possivelmente só o segundo andar (ou parte dele).

Da mão do primeiro Bibliotecário-Mor, António Ribeiro dos Santos, saiu também uma «minuta» de tópicos sobre um novo e apropriado edifício — anunciado no Alvará de criação —, mas que nunca chegou a fazer-se. No entanto, o seu entendimento do mesmo reveste-se do maior interesse, pois exprime, quase plasticamente e numa digna continuidade com os grandes projectos fundacionais, a «grandeza» que tal estabelecimento literário deveria assumir.

Recolhem-se a seguir — com uma simples articulação cronológica — os retalhos dispersos que encontramos dessas impressões dos viajantes

estrangeiros que incluíram, nos seus roteiros, *algum olhar* sobre a Real Biblioteca Pública.

Fragmentos que poderão, talvez, ajudar a compor ou retocar a imagem que temos da bicentenária Instituição.

A visão dos outros

■ O conhecido (e maledicente) viajante estrangeiro J. B. F. CARRÈRE, no seu livro *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne, ou Tableau moral, civil, politique, physique et religieux de cette capitale [...] en 1796*, no capítulo que dedica à Censura, escreve secamente:

Lisbonne n'a aucune bibliothèque publique. Les bibliothèques particulières, un peu nombreuses, un peu choisies, sont fort rares [...].

Possivelmente, nesse mesmo ano da sua criação e, apesar de estar em preparação a sua abertura ao público, o viajante não soube ou não quis referir a sua existência.

Na recente edição deste texto — *Panorama de Lisboa em 1796*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989 — Castelo Branco Chaves, que também prefacia e anota a mesma, traduziu (e «emendou»), textualmente:

Há ainda uma biblioteca pública [...]

É certo que o «Alvará» fundacional foi divulgado e conhecido, como podem atestar diversas cópias do mesmo que se encontram em miscelâneas manuscritas ou colecções de leis avulsas.

Temos, actualmente, um curtíssimo mas elucidativo testemunho deste facto, através das *Memórias* de um desembargador de Braga, que rememora o facto, entre os notórios daquele ano de 1796. Veja-se a edição integral do manuscrito:

■ *Memórias particulares de Inácio José Peixoto: Braga e Portugal na Europa do século XVIII*. Estudo introdutório de Luís Oliveira Ramos. Leitura e fixação do texto de José Viriato Capela (coord.), Braga, Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho, 1992.

Estado do reino em 1796

[...] A lei das barreiras para estradas públicas sahio neste anno; não teve observancia, ficou no projecto de seu autor. As estradas são sempre pessimas.

A da nova e publica Bibliotheca na Corte tambem se publicou, mas o preparo da guerra logo a fes esquecer. [loc. cit., p. 235]

Cerca de 1800, um viajante espanhol, D. José CORNIDE — conhecido Académico, em missão científica e, duplamente, de «espionagem» — fez um minucioso percurso e descrição do país, em todos os aspectos geográficos, históricos e culturais. Desse relato, apenas publicado nos finais do século, destacamos os comentários referentes à Praça do Comércio e à Biblioteca:

Ofrece la dicha plaza del Comercio la vista más pintoresca que se puede imaginar al que desde los pies de la Memoria ó estatua del Sr. D. José I considera la extensión de las aguas del Tajo cubierta de navíos de todos los tamaños; el castillo y pueblo de Almada, que es el más cercano, y en mayor distancia los cerros y castillo de Palmela y Cecimbra, unidos por una cadena de columnas que terminan el horizonte; los lugares de Aldea Galega, Alcocheta, Labradío, el Barreiro y Allos Vedros, bañados por las aguas del río, que es el término meridional de dicha plaza, así como lo son de la oriental la Bolsa, la Aduana ó Alfandega y la Casa de la India, adonde se depositan y despachan los generos que vienen de aquellas regiones; y en la occidental, los Consejos del Pazo y del Ultramar, sobre los cuales se ha colocado provisionalmente la Biblioteca Regia. [loc. cit., tomo II, p. 17]

No mesmo volume, também na secção referente à Comarca de Lisboa, anota em «Bibliotecas, Museos y Jardines Botánicos»:

Todas las gentes que tienen afición á las letras hallan suficientemente adonde satisfacer su curiosidad en las muchas bibliotecas públicas que hay en esta ciudad y en sus diversos barrios. En la principal, no sólo por el copioso y selecto número de volúmenes de que consta (que no bajará de 80 000) y por los muchos Oficiales con que está dotada, la Regia ó de la Corte, de la cual es Inspector general el Ministro de Hacienda, y su Bibliotecario mayor el desembagador Antonio Ribeiro dos Santos, bien conocido por su mucha instrucción en todo genero de literatura, y su segundo el Profesor regio de Filosofía, Agustín José da Costa Macedo, que no la tiene menor en la bibliografía portuguesa.

[loc. cit., tomo II, p. 81]

■ CORNIDE, D. José de — *Estado de Portugal en el año de 1800*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1893, 3 vol. [Edição de António Sánchez

Moguel: «Memorial Historico Hespagnol» — Col. Documentos; 26], tomo II (Extremadura y Beiras).

■ Poucos anos depois, escreveria o sueco Carl I. RUDERS, uma das suas Cartas de Portugal — em 14 de Fevereiro de 1801 —, incluídas, posteriormente, na colectânea conhecida como *Viagem em Portugal (1798-1802)*. Introdução e notas de Castelo Branco Chaves. Lisboa, BN, 1981:

Costumo, agora, passar uma boa parte do meu tempo na Biblioteca Pública, principalmente na Biblioteca Real, onde, diariamente, vão muitas outras pessoas para ler ou fazer extractos. Vejo lá, de tempos a tempos, um sábio estrangeiro, o conde de Hoffmansegg, que se ocupa em estudos de Botânica. Com este diligente naturalista, que a princípio viajava com o professor Link, não travei relações; conheci-o apenas de vista. Mas um dos meus amigos mostrou-mo, uma noite na ópera, e teve a seu respeito, este curioso dito: «Que este homem», disse ele, «é sábio, vê-se claramente, mas que seja conde, é necessário dizê-lo».

[Carta XVII — Lisboa, 14 de Fevereiro de 1801 —, *loc. cit.*, p. 174]

Dirá, seguidamente, do seu grande interesse pelas traduções que via aparecer «do francês e do inglês publicadas por mulheres», que o levariam a fazer estudos sobre a questão, de que, nas páginas seguintes, dará curiosa síntese. Tudo leva a crer que foi esse um dos temas que estudou na Biblioteca.

■ Do francês Charles V. d'HAUTEFORT — *Coup d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814*, Paris, 1820 (que citamos a partir do artigo de Raúl Proença — «Antecedentes e origens da Biblioteca Nacional», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Lisboa, 7 (11) 1922, p. 154-165) é a seguinte apreciação:

Je retournai plusieurs fois à la bibliothèque royale de Lisbonne et j'y trouvai continuellement beaucoup de monde occupé à lire et à travailler, et infiniment de complaisance de la part des personnes employées dans cet établissement utile.

[*loc. cit.*, p. 53]

Novamente um francês, cujas notas de viagem cheias de informações diversificadas sobre o país e o Brasil, mereceram a edição integral por parte

do Prof. Léon Bourdon, dá-nos uma visão de viajante e de utente, datada de 1816:

■ TOLLENARE, Louis François — *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*. Edition et notes de León Bourdon, Paris, PUF, 1971, 3 vol.

Em 11 de Agosto de 1816, escreve no seu diário (manuscrito actualmente pertencente à Bibliothèque de Sainte Geneviève):

Je me suis rendu de suite à la place du Commerce qui a une grande renommée en Europe. Je l'ai trouvé supérieure à l'idée que je m'en était formée. C'est un carré d'environ 400 pieds sur chaque face, entouré sur trois côtés d'édifices élégants et réguliers sous lesquels règne une galerie couverte avec des arcades d'une belle proportion. Le côté oriental est formé de la Douanne, de la Maison des Indes et de la Bourse. Celui du côté occidental renferme la Bibliothèque publique et les bureaux du gouvernement. Il est presque fini. Le côté septentrional est loin d'être achevé.[...]. [loc. cit., vol. I, p. 146]

Um mês depois, visitará devagar a Biblioteca, tal como deixa registado num longo trecho, datado de um domingo, dia 22 de Setembro de 1816:

J'ai été visiter la bibliothèque publique située sur la place du Commerce. Elle renferme, dit-on, 80 000 volumes, dont la plus grande partie traite de matières théologiques. Il y a plusieurs salles (14). Chacune porte l'étiquette d'une des divisions des sciences: théologie, droit, histoire, littérature, histoire naturelle, etc., etc., a un bibliothécaire et un catalogue particulier. Il est probable qu'il y a aussi un bibliothécaire général et que c'est celui qui, à mon entrée, m'a demandé quelle partie des sciences je désirais visiter. Comme je ne cultive point les sciences, cette question m'a un peu embarrassé. J'ai demandé au hasard la division d'histoire naturelle. J'y ai été conduit fort poliment, et le bibliothécaire particulier m'a demandé quel livre je voulais lire. Cette réception, quoique affectueuse, n'était point tout à fait ce que je voulais. Visiter le local et jeter un coup d'oeil sur le catalogue est tout ce qu'il me faut dans la simple visite d'une bibliothèque publique. Enfin, je n'ai pas voulu reculer. J'ai demandé l'ouvrage du hollandais Margraf sur l'histoire naturelle de Pernambuco. Le bibliothécaire ne le connaissait pas et me demandait le titre exact de ce livre. Je l'ignorais. Enfin, à force de chercher à nous deux dans les catalogues, nous avons fini par le trouver à la lettre P parce qu'il y est sous le nom de Pisonis et Margravi Historia rerum naturalium, édition d'Elzevir, 1648. J'ai ensuite demandé les Plantes de la Guyane par Aublet, parce qu'elles ont beaucoup d'analogie avec

celles de Pernambuco. Nous n'avons pu les trouver. Cet ouvrage de Margraf et Pison fait beaucoup d'honneur à ses auteurs et aussi au gouvernement hollandais. Celui-ci n'a été maître du Pernambuco que pendant une quarantaine d'années, et déjà, par ses ordres, l'histoire naturelle du pays avait été exploitée d'une manière presque complète pour l'état des connaissances à cette époque.

Dans l'espace de deux cents ans, les Portugais n'ont pas fait faire un seul pas à la science, malgré les brillantes ressources que leur offraient leurs vastes colonies.

[...] La liberté de presse n'existe pas en Portugal. Rien ne peut être imprimé sans une permission spéciale du gouvernement. L'introduction des livres étrangers reste assujettie à une censure non moins sévère. Cette censure est exercée collectivement par des délégués de la police et de l'Inquisition. Les ouvrages philosophiques que j'ai rencontrés dans les bibliothèques de différents couvents y sont admis par des permissions spéciales afin que les théologiens puissent connaître l'ennemi qu'ils doivent combattre. Ces mêmes ouvrages ne peuvent pas être vendus dans les magasins de librairie. Je n'ai pas pu m'assurer s'ils existaient dans la bibliothèque publique. On me dit que la censure est aujourd'hui beaucoup moins rigoureuse qu'il y a trente ans. Avant cette époque, on ne permit la traduction de Gil Blas qu'avec des amendements. [...]

[loc. cit., vol. I, p. 206-207]

A única publicação portuguesa da época que dedicou algumas páginas ao tema, tem sido a Fonte mais frequentemente utilizada, por nacionais e estrangeiros. Trata-se de texto não assinado, inserido em:

■ *Jornal de Belas Artes ou Mnémosine Lusitana*, Lisboa, n.º 9, 1816:

Bibliothecas Públicas

A Real Bibliotheca Pública, estabelecida no segundo pavimento da arcada da Praça do Commercio do lado occidental, foi erecta em 1796, e se acha formada das Livrarias da Real Academia da Historia Portuguesa, e Real Mesa Censoria, que tinha sido formada das Livrarias dos Collegios, e Casas Professas dos extinctos Jesuitas.

A sua distribuição he a melhor, e a mais propria relativamente ao lugar em que se acha collocada. As suas sallas não são elegantes, mas são commodas; nem seus armarios, ou estantes são ricamente decorados, mas são decentes. Huma Bibliotheca dividida por sallas, e em armarios onde sem o ministerio das escadas moventes se podem tirar os Livros, bem se deixa ver que deve ser muito

commoda para o uso dos Estudiosos, e serviço dos Officiaes Bibliothecarios.

Compõe-se de doze sallas, nas quaes se achão os Livros classificados da maneira e na ordem seguintes: Historia; Bellas Letras; Sciencias Naturaes, e Artes, Sciencias Civis, e Politicas; Sciencias Ecclesiasticas; Polygrafia, e varia Erudicção; Manuscriptos; Museo, e varias Peças de Artes.

Possue Livros preciosos, e edições rarissimas, e entre estas se distinguem a antiquissima Biblia Moguntina, em caracteres de madeira, e a Biblia Sextina. Em Manuscriptos he igualmente rica de huma singular Biblia em Hebraico, e de outras em Latim com algumas passagens da Santa Escriptura pintadas com finissimas cores, e lindas tarjas, e arabescos primorosamente doirados; alem de outros Manuscriptos Arabes, Chinezes, e outras Nações Orientaes.

O Museo he composto das medalhas antiquissimas, e rarissimas dos Reis de Macedonia, do Egipto, dos Imperadores Romanos, etc., grande numero dellas de ouro; da collecção completa das medalhas do reinado de Luiz XIV, e de muitas outras peças, e dinheiros, assim como de grande numero de artefactos delicados, e admiraveis de Artes, e Officios. Nesta mesma salla se acha a collecção completa da impressão de Bodoni, rica, e perfeitamente encadernada por Livreiros Portugueses, e por ella se vê, que alguns são superiores, quando se exigem perfeitas encadernações, aos mais peritos Livreiros de Alemanha, Italia, Hespanha, etc., e mui pouco lhe falta para se disputarem a preferencia aos Francezes.

Em huma salla decente, e analogamente pintada junto à salla da Polygrafia está collocada a Estatua Pedestre da Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I, Fundadora desta Real, e Publica Bibliotheca, esculpida em marmore pelo Senhor Joaquim Machado de Castro. Em o seu pedestal se lê esta inscripção:

Mariae I.

Bibliotheca Olisiponensi erecta

Marmoream hanc statuum

Joanne Brasiliae Principe

Rem Publica gerente

Thomas

Marchio Pontilimensis

Supremus ejusdem Bibliotheca curator

Anno CIDI CCCLXXXIX

Posuit.

Esta Regia Bibliotheca he franca ás pessoas de ambos os sexos nas Segundas, Quartas, Quintas feiras, e Sabbados de manhã desde as nove horas até á huma da tarde; e nas Terças, e Sextas feiras de tarde desde as tres horas até ás sete

de verão; e no inverno huma hora mais tarde de manhã, e huma hora mais cedo de tarde. Não seria desacertado, antes mui util, que esta Bibliotheca se mandasse conservar aberta nos dias feriados dos Tribunaes, excepto aos Dias Santos, ou de annos dos Soberanos; porque estando fechada, como se pratica em taes dias, priva muitas pessoas empregadas nos Tribunaes, de se utilizarem deste bem público.

He seu Bibliothecario Maior o Illustrissimo Senhor Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que tem honrado a Republica Literaria com optimas Composições, entre ellas merecem especial menção as suas excellentes Poesias, ha pouco impressas nitidamente na Impressão Regia; e a Tradução das Odes de Horacio. He seu segundo Bibliothecario o Senhor Doutor Agostinho José da Costa de Macedo.

Franqueão tambem as suas Livrarias, os Religiosos do Convento de N. S. de Jesus, cuja selecta Livraria está collocada em hum grande sallão, em altas, e bem decoradas estantes, sobre cuja cimalha se vêem os bustos dos mais Sabios da antiguidade, e entre estes os dos Escriptores Portuguezes, de maior nome.

Os Padres da Congregação do Oratorio do Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades [...]

Os Religiosos de S. Francisco da Cidade [...]

Os Religiosos de S. Domingos, e os de S. Vicente. [loc. cit., p. 147-149]

Nos comentários ao texto de Tollenare, Léon Bourdon utilizou estas informações; tal como Balbi, no seu conhecido estudo em que também se ocupa das bibliotecas em Portugal:

■ BALBI, Adrien — *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, Paris, Chez Rey et Gravier, 1822, 2 vol.

Ocupando-se do tema «Académies littéraires, Bibliothèques, Cabinets d'histoire naturelle [...] typographie, commerce de librairie», escreve:

Il y a peu de BIBLIOTHÈQUES PUBLIQUES en Portugal. La première et la plus considérable est la Bibliothèque royale publique, qu'on appelle maintenant nationale. Elle est placée dans le second étage du grand bâtiment qui forme le côté droit de la place du Commerce, et renferme, d'après les informations que nous avons prises des bibliothécaires, de 80 000 à 85 000 volumes. D'après le nouveau règlement elle est ouverte tous les jours ouvrables. Le local est grand et bien éclairé. Les livres y sont disposés d'après les sciences et les arts auxquels ils appartiennent. Le public y est très-bien reçu, et les bibliothécaires fournissent

très-prompement les livres qui leur sont demandés. Nous avons remarqué, toutes les fois que nous avons visité cet établissement, un grand nombre de personnes occupées à travailler. Quoique elle ait plusieurs ouvrages importants, entre autres quelques-uns d'histoire naturelle, toutes les éditions Bodoni, et beaucoup de manuscrits très-curieux, elle manque de presque tous les livres modernes scientifiques et littéraires publiés dernièrement par les Anglais, les Français, les Allemands et les Italiens. Elle n'en a presque pas de géographie et de statistiques modernes; elle ne possède même aucun des nombreux atlas qu'on a publiés depuis la fin du dernier jusqu'aujourd'hui. On peut dire qu'en général les ouvrages allemands manquent dans toutes les bibliothèques publiques et particulières du Portugal, et que les livres anglais, français et italiens y sont beaucoup plus communs. Parmi les manuscrits on y remarque celui sur vélin d'une Bible hebraïque avec un commentaire rabbinique, qui, par la manière dont il est écrit, représente au premier coup d'oeil un cadre d'arabesques de couleur rouge autour du texte. [loc. cit., vol. II, p. 83-84].

de vasto e profundo saber. Não possuía qualquer especialização, mas impunha-se pelos seus conhecimentos.

Grandes figuras da cultura universal foram bibliotecários, como Leibniz, Lessing, e, entre nós, António Ribeiro dos Santos, Alexandre Herculano, Fidélino Figueiredo, para citar apenas alguns.

No século XX, o bibliotecário passa a ter formação própria e a estrutura básica deixa de ser de carácter erudito, passando a ser, gradualmente, sobretudo técnica. Daqui se depreende que há duas grandes categorias de profissionais nesta área: o bibliotecário erudito e o bibliotecário técnico, aquele situado no passado, este dinâmico no presente. Quer dizer, em tempos de antanho, o bibliotecário era um «poço de sabedoria», com conhecimento directo do conteúdo do livro. Na actualidade, o bibliotecário preocupa-se com o tratamento externo das espécies bibliográficas e não propriamente com o seu âmago. Outrora transmitia directamente os conhecimentos, hoje indica pistas para o utente chegar ao que deseja saber. A técnica avançada fornece os meios indispensáveis para ser alcançado esse desiderato.

Repare-se, contudo, que há um traço comum: então como agora, o bibliotecário era, e é sempre, — de modo directo ou indirecto — um transmissor da cultura, o que pressupõe que seja um permanente estudioso e, por vezes, também, um pedagogo.